



DOI: <http://dx.doi.org/10.22484/2177-5788.2017v43n2p351-371>

## **Educomunicação: um estudo da prática nas salas de aula**

Monica Franchi Carniello

Hugo Análio da Mota

**Resumo:** Partindo da premissa da necessidade de um letramento midiático dos jovens, este trabalho teve por finalidade debater e identificar se há práticas pedagógicas baseadas na educomunicação, desenvolvidas por professores do Ensino Fundamental II, que lecionam do 6º ao 9º anos para alunos da faixa etária entre 11 e 15 anos, atuantes no município de Taubaté. Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa quanto à abordagem, e a coleta de dados foi feita em campo por meio de aplicação de entrevistas com os professores do Ensino Fundamental II que lecionam no município de Taubaté. Os resultados identificaram que os professores abordam com os alunos a influência da mídia na sociedade, porém não há conhecimento dos métodos pedagógicos baseados na educomunicação, uma vez que segundo os respondentes o assunto ainda é pouco abordado nas escolas para os profissionais de educação. Além disso, os resultados mostram que a integração entre a comunicação e a educação é cada vez mais necessária, uma vez que completa a formação dos indivíduos e capacita para ações coletivas.

**Palavras-chave:** Educomunicação. Educação. Comunicação. Práticas pedagógicas. Mídias.

### **Educommunication: study of classroom practice**

**Abstract:** Based on the premise of the need for media literacy among youngsters, this study aimed to discuss and identify if there are pedagogical practices based on educommunication, developed by teachers of Elementary School II, who teach from the 6th to the 9th year for students in the range between 11 and 15 years old, in the municipality of Taubaté. This research is characterized as qualitative approach, and the data collection through the application of interviews with teachers of Primary Education II that teach in the municipality of Taubaté. The results identified that teachers discuss about the influence of the media in society, but there is no knowledge about pedagogical methods based on educommunication, since, according to the interviewees the subject rarely approached in schools for education professionals. In addition, the results show that the integration between communication and education is increasingly necessary, since it completes the training of individuals and enables collective actions.

**Keywords:** Educommunication. Education. Communication. Pedagogical practices. Media.

## Introdução

O homem sempre buscou o aprimoramento técnico dos meios de comunicação, uma vez que essas tecnologias são fundamentais para garantir a promoção de valores, costumes e normas de uma sociedade. Já se sabe que todo e qualquer discurso ou ato comunicacional é regido por símbolos e significados intrínsecos dentro de um contexto, por isso a ideologia sempre esteve presente no discurso, independentemente de sua natureza, tornando a informação um elemento de grande valor e especulação, principalmente após a Revolução Industrial (1840).

Para esse modelo de comunicação possibilitado pela expansão dos meios, o conceito de Sociedade da Informação, elaborado por Touraine (1970) e Bell (1973) pode ser atribuído a recente maneira de consumir informação, ou seja, desde o início século XXI, a expansão da internet trouxe novas possibilidades de comunicação. Segundo os autores, o conceito pode ser determinado de diferentes pontos de análise (política, econômica ou social); além disso, eles consideram que os avanços tecnológicos influenciam nas relações de poder, tornando a informação o fator central da sociedade atual.

A sociedade da informação está baseada nas tecnologias de informação e comunicação que envolve a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios eletrônicos, como a rádio, a televisão, telefone e computadores, entre outros. Estas tecnologias não transformam a sociedade por si só, mas são utilizadas pelas pessoas em seus contextos sociais, econômicos e políticos, criando uma nova comunidade local e global: a Sociedade da Informação. (ANTUNES, 2008, p. 2).

Os meios de comunicação tornaram-se ferramentas importantes na rotina da sociedade e com o crescimento da internet e a disponibilidade de acesso a diferentes plataformas e conteúdo, uma nova relação de dependência entre indivíduo e informação foi criada. Com o surgimento das redes sociais e canais que promovem o diálogo, como *chats* e aplicativos, houve uma extensão da forma como o ser humano passou a interagir com o meio social no qual ele convive.

Nesse contexto, grande parte dos jovens, especialmente nos centros urbanos, já está familiarizada com os diferentes meios de comunicação existentes. O que se pergunta é como os meios participam e aderem ao comportamento humano. Supõe-se que, em fase de formação, como é o caso da adolescência, a mídia é um dos elementos que compõe as fontes de informação deste grupo social, impactando no seu processo de formação. Com isso, é necessário que haja uma discussão dos conteúdos por eles acessados, assim como qual o objetivo que cada meio de comunicação tem ao informar determinado fato.

Na sociedade atual, há um consenso popular de que os jovens já nasceram sabendo lidar com a tecnologia, e essa ideia gerou uma blindagem do senso comum: qualquer discussão em torno do ensino ao uso das novas tecnologias para o público jovem determinada seria algo obsoleto. Nesse contexto, caracterizado pela presença ostensiva e pelo protagonismo informacional dos meios de comunicação, os conteúdos devem ser constantemente observados e analisados, visto que tais meios não possuem apenas finalidade de informar, mas produzem sentido relacionado às ideologias e grupos sociais que representam.

Além disso, a promoção do diálogo em torno das funções que os meios de comunicação exercem, permite criar a conscientização nos jovens e condições para discutir e propor novos modelos de comunicação, assim a sociedade como um todo fica mais preparada para identificar excessos midiáticos. Uma sociedade instrumentalizada, que sabe quais são os campos de atuação da mídia de massa e, principalmente, quais são os recursos estéticos e linguísticos por ela utilizados, que proporciona entendimento, potencialmente, poderá levar à mudanças no hábito de consumir informação.

Outro fator importante na instrumentalização dos jovens é a possibilidade de torná-los agentes de transformações, por meio, por exemplo, da criação de redes de comunicações, como rádio comunitário ou jornal informativo, que propiciam o conhecimento da realidade local, além de objetivar uma integração entre os jovens e suas comunidades locais.

É nesse contexto que os estudos sobre educomunicação ganham relevância, porque propõem a discussão e análise dos conteúdos midiáticos de maneira que o indivíduo perceba a importância do meio para a construção de sistemas de comunicação, além de sua influência no cotidiano da sociedade, permitindo-lhe discernir acerca das ações comunicativas e a importância de entender o contexto da mensagem divulgada, independentemente do suporte.

A educomunicação propõe, em última instância, o letramento midiático, para que as informações veiculadas nos meios de comunicação não sejam absorvidas de maneira acrítica, mas utilizadas como instrumento de reflexão do mundo contemporâneo no qual os jovens atuam, para que sejam utilizadas como instrumento para empoderamento social. O contato com os meios de comunicação, na sociedade contemporânea, se dá desde a infância, conforme afirma Sharon Dunn, coordenadora do departamento de educação de Nova York:

As crianças desta idade são cada vez mais curiosas. Elas agora usam suas habilidades de linguagem para explorar conteúdos por conta própria e para acessar materiais e informações. [...] As crianças agora são capazes de desenvolver diferentes interpretações do mesmo fato e conseguem traduzi-las em imagens, já que agora também são capazes de usar a tecnologia para criar imagens em movimento de modo independente. (DUNN, 2010 apud GIRARDELLO, 2011, p. 11).

Uma vez que uma das características de jovens nascidos no contexto da comunicação digital seja a habilidade de explorar os meios, é importante observar também que, desde cedo, eles devem ser orientados a entender e acompanhar as mudanças nos diversos meios.

Segundo Soares (2004, p. 1), entre os objetivos da educomunicação podem-se destacar: “integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação; criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos; melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas”.

A educomunicação vai além de uma proposta pedagógica, pois a prática ajuda os indivíduos a compreender as mídias como espaços onde não se divulgam apenas informação, mas difunde-se o conhecimento das práticas midiáticas, que atuam na instrução de modelos de comportamento. Saber como os jovens devem perceber essa interferência é um ponto fundamental para análise, uma vez que norteia soluções que promovam uma educação de modo orgânico.

Este trabalho, portanto, identificou como e se a educomunicação está sendo abordada em sala de aula, por meio de uma pesquisa de campo realizada no município de Taubaté, com 12 professores do Ensino Fundamental II, que atuam do 6º ao 9º anos, com jovens da faixa etária de 11 a 15 anos. O aporte teórico complementa o trabalho, por meio de discussões da importância da cidadania nos ambientes sociais e do papel da educação na promoção da cidadania, envolvendo a educomunicação.

O objetivo geral do artigo foi identificar as práticas pedagógicas de educomunicação, que professores do Ensino Fundamental II, atuantes no município de Taubaté, utilizam em sua prática. Como objetivos específicos, delimitaram-se os seguintes: identificar se os professores estão familiarizados com o conceito de educomunicação; sistematizar os conteúdos educacionais que são abordados pelos professores em suas práticas educacionais e identificar como o conteúdo midiático se faz presente nas discussões em sala de aula.

## Metodologia da pesquisa

A pesquisa caracteriza-se como exploratória quanto à abordagem, promovendo a expansão do conhecimento do tema educomunicação. Segundo Marconi e Lakatos (1991, p. 17):

O investigador, baseando-se em conhecimentos teóricos anteriores, planeja cuidadosamente o método a ser utilizado, formula problemas e hipóteses, registra sistematicamente os dados e os analisa com a maior exatidão possível. Para efetuar a coleta de dados, utiliza instrumentos adequados, emprega todos os meios mecânicos possíveis, a fim de obter maior exatidão na observação humana, no registro e na comprovação de dados.

Assim, foram selecionados professores que lecionam na área de humanidades, nas disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura, História e Geografia. Os professores entrevistados deveriam ter no mínimo 10 anos de experiência no Ensino Fundamental II, para que pudessem relatar suas experiências profissionais. Tal recorte foi realizado para ampliar a possibilidade de que os professores entrevistados tivessem vivência em mais de uma escola, o que permitiu uma visão mais abrangente da experiência profissional dos entrevistados, sem relacioná-los com projetos pedagógicos de uma instituição específica.

Todos os entrevistados lecionam na cidade de Taubaté. Esse município foi escolhido, porque só na cidade, segundo o IBGE (2015), há 1.610 docentes no Ensino Fundamental, sendo que desses ainda segundo o IBGE (2015), 1.049 são da rede pública (divididos entre as redes de ensino estadual e municipal) e 561 rede privada, com isso houve uma grande amostra para a aplicação da pesquisa.

Como se trata de pesquisa qualitativa, a amostra não foi estatística, mas por saturação.

O fechamento amostral por saturação teórica é operacionalmente definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados. (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008, p. 1).

O projeto dessa pesquisa qualitativa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté<sup>1</sup>. Foram entrevistados 12 docentes, até que se chegou a um padrão de comportamento do fenômeno estudado. Foi aplicado um roteiro de questões com perguntas relacionadas à educomunicação e às suas aplicações. As questões foram elaboradas de acordo com os objetivos propostos no projeto, ou seja, depois de formuladas houve uma análise para verificar se as questões eram coerentes com os objetivos específicos. O roteiro de

<sup>1</sup> Protocolo n. 2.116.867.

questões foi dividido em 3 seções: 1. Caracterização do entrevistado: descrição profissional do respondente; 2. Conceito de educomunicação: buscou identificar a afinidade do entrevistado com o tema e 3. Práticas pedagógicas em sala de aula: o objetivo das perguntas desenvolvidas nessa seção era categorizar o que estava sendo produzido e/ou discutido em sala de aula acerca da educomunicação.

Além disso, as sequências de perguntas foram dispostas na seguinte ordem: dos assuntos mais abrangentes: educação, comunicação, tecnologia e juventude, para os mais específicos: educomunicação e suas aplicações. A técnica de seleção da amostra da pesquisa foi não probabilística, utilizou a técnica da bola de neve, ou seja, um indicava o outro formando uma rede de contatos.

O tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados. (VINUTO, 2014, p. 206).

Ao final de cada questionário respondido, o professor indicava outro profissional para que a pesquisa fosse aplicada, sob as mesmas condições, não apresentando interferências que pudessem comprometer a veracidade dos resultados. A coleta foi realizada nos meses de Junho e Agosto de 2017. As respostas foram registradas e posteriormente transcritas.

A partir da aplicação e transcrição das respostas foi conduzida uma análise temática, questão a questão. Tal procedimento permitiu o tratamento das respostas de modo que os resultados obtidos tornaram-se fontes válidas para consulta. Ressalta-se que, conforme os preceitos éticos de pesquisa, a identidade dos sujeitos foi preservada. Considerou-se, para fins da análise, apenas a atuação dos entrevistados na sala de aula, não levando em consideração demais informações, como a identificação demográfica.

## **Resultados**

Por meio das respostas dos professores, evidenciaram-se pontos em comum entre a educação, a comunicação e a prática educacional. Os perfis dos doze professores são bastante diversificados, principalmente no que se refere à formação, apesar de todos terem em comum a atuação no Ensino Fundamental II, em escolas públicas e/ou privadas de Taubaté e dez ou mais anos no magistério.

Dos professores que compuseram a amostra, quatro possuem formação em Letras, dos quais dois possuem titulação de Mestre em Linguística Aplicada e a mesma quantidade de profissionais entrevistados possui formação em Geografia. Os demais respondentes são formados nas áreas de Filosofia e História. Todos os professores atuaram tanto na rede pública como na rede particular, sendo que mais da metade leciona na rede municipal de ensino. Todos fazem jornada dupla de trabalho e dedicam seu tempo integral ao exercício do ensino.

Quadro 1- Características dos entrevistados

Entrevistado	Formação	Tempo de atuação	Tipo de escola que atua ou atuou
Entrevistado 01	Geografia	14 anos	Municipal e Estadual
Entrevistado 02	Pós graduação em gestão ambiental e história de São Paulo	38 anos	Particular, Estadual e Municipal
Entrevistado 03	Mestrado em linguística aplicada	13 anos	Municipal
Entrevistado 04	Letras	15 anos	Municipal
Entrevistado 05	Bacharelado/Licenciatura em Geografia	10 anos	Privada e Municipal
Entrevistado 06	História	21 anos	Municipal
Entrevistado 07	Letras	09 anos	Municipal, Federal Militar, Escola de Idiomas, Escola de aplicação
Entrevistado 08	História	15 anos	Privado e Pública
Entrevistado 09	Geografia	35 anos	Estadual e Particular
Entrevistado 10	Letras- Direito- e Mestrado em linguística aplicada	27 anos	Municipal e Particular
Entrevistado 11	Mestrado em Filosofia	08 anos	Municipal, privada, estadual e técnica
Entrevistado 12	Bacharelado/ Licenciatura em geografia e educadora em sexualidade	16 anos	Privada e Municipal

Fonte: Elaborado pelo autor

Na primeira pergunta feita aos respondentes, foi questionado o papel da educação na formação do indivíduo em relação ao coletivo. Há um consenso entre os professores de que a escola é o meio de apresentação da sociedade e de suas variáveis para o jovem. Segundo um entrevistado, *“A educação é o único diferencial da sociedade, conviver no coletivo, só através dela”*<sup>2</sup> (Entrevistado 02), ou seja, é por meio da educação que a realidade deve ser mostrada e discutida, para que o mundo previamente conhecido ou idealizado pelo jovem, com base nas suas experiências familiares, não seja instrumento de julgamento ou discriminação com aqueles que não compartilham da mesma cultura que a sua. *“A educação escolar é a segunda forma de organização social que nos deparamos como indivíduos. Acredito que tem uma função primordial em relação ao coletivo, já que é nesse ambiente que vamos nos deparar com as realidades sociais, econômicas, geográficas e culturais diversos”* (Entrevistado 12).

É também papel da educação não apenas tornar o jovem conhecedor da realidade que o cerca, mas é necessário que haja engajamento da escola para que capacite o aluno a agir na sociedade a favor do coletivo, tendo como norte os valores éticos vigentes. *“A educação deve*

<sup>2</sup> Os trechos em itálico neste item do artigo correspondem são as transcrições dos depoimentos dos professores entrevistados nessa pesquisa.

*levar o indivíduo a conhecer seu papel dentro de uma coletividade, seus deveres e direitos”* (Entrevistado 01). Esta visão vai ao encontro do pensamento de Freire (1996), que afirma ser necessário reconhecer que a capacidade de aprender é imprescindível para transformar a realidade e para nela intervir.

Com isso, conceitos como cidadania, cooperação e solidariedade devem ser trabalhados de forma prática e intensiva, uma vez que o papel do cidadão não se restringe aos ambientes onde as pessoas possuem familiaridade. Segundo um dos entrevistados, o papel da escola tem como finalidade a *“Formação integral do indivíduo para exercício da cidadania”* (Entrevistado 05). Além disso, há outras funções importantes a serem trabalhadas pela escola para a completa formação do aluno como, por exemplo, *“prepará-lo academicamente cujo intuito seja formá-lo para o mercado de trabalho”* (Entrevistado 10).

A segunda questão tratou do papel que os meios de comunicação desempenham nessa relação do jovem com a sociedade. É fato que os meios de comunicação não só possuem uma relação direta ao fornecer informação aos indivíduos, como também difundem ideias e ajudam o sujeito a construir seu pensamento a respeito dos fenômenos sociais, principalmente para uma parcela da população que não está tão exposta às vulnerabilidades sociais. Alguns professores foram categóricos ao afirmar que os *“meios de comunicação têm influência direta”* (Entrevistado 08); segundo outro educador, os meios estão *“em praticamente todo ambiente coletivo: casa, trabalho, escola etc.”* (Entrevistado 01), além disso, *“eles são responsáveis pela construção da identidade e da ideologia dos jovens”* (Entrevistado 03).

Porém, é necessário ressaltar que a quantidade infinita de informações proporcionadas pelos diferentes meios, inclusive a internet, não garante a relevância da informação, *“está relacionado ao dia a dia, uma quantidade infinita de informação, porém, só uma parcela dela é transformada em conhecimento”* (Entrevistado 04). Outro ponto fundamental levantado pelos educadores é a necessidade do cuidado com as informações dispostas, principalmente na internet, uma vez que o contexto comunicacional contemporâneo é caracterizado pela velocidade e volume da informação, conceitos que nem sempre estão relacionados à veracidade dos fatos.

Os meios de comunicação e, conseqüentemente, os veículos, devem não apenas filtrar a informação, porque isso pode estar relacionado diretamente a correntes ideológicas, mas também averiguar e entender como essa informação é absorvida pelos jovens, tornando o processo de informar não tão mecânico e mercadológico.

*Os meios de comunicação permitem, por um lado, o acesso e a expansão dos conhecimentos. Por outro lado, permitem também o compartilhamento de mitos e preconceitos em torno dos fatos. Trata-se, portanto, de um meio, uma via, para o indivíduo compreender a realidade, a sua vida e para que a sociedade organizada compreenda seus indivíduos.* (Entrevistado 11).

Portanto, a necessidade do diálogo nos ambientes escolares surge não para categorizar os meios de comunicação como bons ou ruins, mas para mostrar aos alunos as funções desempenhadas por estes na construção dos ideais e estereótipos da sociedade. *“Os meios de comunicação nos trazem informações sobre universos conhecidos e desconhecidos, eles podem diminuir distâncias entre o indivíduo e as realidades a serem aprendidas.”* (Entrevistado 06). Quando utilizados como ferramenta de estudo, ou seja, quando são potencializados como metodologia de aprendizagem, proporcionam mais dinamismo para a aula, uma vez que podem facilitar a compreensão da sociedade pela exemplificação por meio dos conteúdos difundidos pelos meios de comunicação. Um dos educadores afirma que *“os meios de comunicação fazem parte de todo o processo. Constituem meios facilitadores e ao mesmo tempo, didáticos funcionando como estratégias para uma aprendizagem eficaz”* (Entrevistado 10).

As interferências que os meios de comunicação possuem no estabelecimento das relações e das visões de mundo entre as pessoas, atualmente estão vinculadas às novas tecnologias, como os celulares. Os jovens, atualmente, por nascerem nesse universo multiplataforma, não se conscientizaram acerca do tamanho do impacto causado pela internet e, conseqüentemente, as novas formas de acesso à informação. Para eles, a relação com as novas ferramentas dialoga de modo muito orgânico, e para os professores é até algo preocupante, porque *“muitas vezes eles se tornam dependentes dessas novas tecnologias”* (Entrevistado 03) e até mesmo a relação entre jovens e a internet é *“muito doentio, de forma muito intensa”* (Entrevistado 08).

A terceira questão esclarece como os professores percebem a relação dos jovens com as tecnologias e, segundo alguns dos entrevistados, essa relação pode ser desenvolvida em seus aspectos positivos e negativos, *“das formas mais diversas há aqueles que usam de forma benéfica e produtiva, outros constroem relações patológicas com estas tecnologias”* (Entrevistado 01). Muitos se relacionam de modo ingênuo, *“eles não conhecem ou ignoram os perigos da exposição na mídia”* (Entrevistado 07). Há educadores que são mais otimistas, afirmam que os jovens geralmente se relacionam *“com autonomia e naturalidade, demonstrando interesse crescente”* (Entrevistado 05). Outros educadores também relatam uma visão positiva nessa relação, mas fazem ressalvas dos conteúdos pesquisados.

*Aqueles que têm acesso às tecnologias se relacionam bem quando descobrem vários usos positivos para elas, como exemplo, a criação de aplicativos que facilitem o cotidiano, ou, podem se relacionar de maneira negativa quando utilizam essas tecnologias para perpetuar estereótipos, por exemplo: como sou muito otimista, eu acredito que essa relação tem se mostrado mais positiva do que negativa. (Entrevistado 12).*

Outro educador também adverte que “os jovens estão integrados ao mundo virtual e tecnológico, porém muitas vezes usam as ferramentas que possuem sem qualquer objetivo educacional” (Entrevistado 06). Ainda em relação a esse aspecto, a fala de um terceiro entrevistado também pode completar esse argumento:

*Os jovens se relacionam de forma bem favorável com as tecnologias atualmente, mostram-se bastante conhecedores quando o assunto é tecnologia. Entretanto, quando se fala em usar a tecnologia em favor do aprendizado, não fazem uso como deveriam. (Entrevistado 10).*

Já os demais educadores defendem a ideia abordada inicialmente dos malefícios que as novas tecnologias causaram, para alguns a relação se estabelece “de maneira viciada (me refiro aos celulares) conectados com grupos grande parte do tempo” (Entrevistado 04), e até mesmo “de maneira brutal, esquecendo até das relações interpessoais” (Entrevistado 02). Com isso, o professor também possui o papel de decodificar a comunicação, ou seja, trazer aos alunos novas maneiras de entender os processos de formação da mensagem.

A pergunta número quatro questionou os entrevistados sobre o papel do professor na conscientização do indivíduo quanto à capacitação de jovens para compreender o fenômeno da comunicação e suas consequências. Foi ressaltada a importância do professor em se posicionar frente às novas tecnologias, segundo um dos respondentes, “o professor é reflexo dessa sociedade” (Entrevistado 02), ou seja, é papel do profissional “formar cidadãos críticos, que saibam filtrar as informações, buscar fontes, questionar, duvidar, respeitar etc.” (Entrevistado 04). Essa forma do pensamento retoma o conceito de empoderamento que, segundo Baquero (2012), significa dar poder a outro, compartilhando alguns poderes que determinados profissionais devem ter sobre outros, ou seja, uma vez que são trabalhadas com o aluno as mídias, sob novas perspectivas, o professor dá a ele novas possibilidades de ação.

Segundo outro respondente,

*o professor pode através dos conteúdos desenvolvidos e também através de suas próprias experiências profissionais e de vida conscientizar os indivíduos desse fenômeno, sempre destacando suas consequências para a vida desse indivíduo, seus relacionamentos pessoais e profissionais” (Entrevistado 09). Além disso, “o professor pode e deve orientar os alunos no que diz respeito à qualidade e diversidade das fontes” (Entrevistado 06).*

Outro papel importante do professor a ser considerado *“é de utilizar e promover os meios de comunicação para fins necessários (complementar a sala de aula), ressaltando critérios para uma pesquisa boa, rica e ética”* (Entrevistado 11). Em síntese, foi possível entender que, para os respondentes de modo geral, o professor não possui um papel apenas de instrumentalizar, mas de tornar o aluno um cidadão capaz de discernir seus atos tanto de modo individual quanto coletivo.

Porém, para o professor realizar esse trabalho de incentivar o aluno a ter uma visão crítica dos meios e as formas de abordar a realidade, é necessário que a escola possua recursos, como a disponibilidade de computadores, ou permita que outros aparelhos, como o celular, sejam utilizados em sala de aula.

A quinta pergunta feita aos professores foi justamente do papel da escola na promoção ou proibição do uso de aparelhos tecnológicos no ambiente escolar. Todos ressaltaram que o uso de aparelhos é permitido dentro das escolas para fins acadêmicos, *“a escola por força de lei proíbe o uso. Porém, se orientados de forma adequada, os alunos podem utilizar estes aparelhos de forma produtiva”* (Entrevistado 01). Outro completa que *“o papel da escola é prover condições para que esses meios sejam utilizados na escola como auxiliar no processo educativo”* (Entrevistado 12).

Além disso, a escola não só deve só permitir como *“ela faz o papel moderador de transformar informação em conhecimento”* (Entrevistado 03). Essa visão dos professores vai ao encontro do pensamento de Santos e Mortimer (2002), que afirmam que, comumente, a tecnologia é reduzida apenas ao seu aspecto técnico. Para Santos e Mortimer (2002, p. 8):

[...] a identificação dos aspectos organizacionais e culturais da tecnologia permite compreender como ela é dependente dos sistemas sócio-políticos e dos valores e das ideologias da cultura em que se insere. É com esse entendimento que o cidadão passa a perceber as interferências que a tecnologia tem em sua vida e como ele pode interferir nessa atividade.

Outros educadores afirmaram ainda que *“o papel da escola deve se restringir à proibição quando tais aparelhos são utilizados sem fins pedagógicos, com o intuito de mascarar o processo de aprendizagem”* (Entrevistado 05). Caso não haja parâmetros para o uso no ambiente escolar, o aluno acaba desviando sua atenção para conteúdo sem fins educativos, uma vez que são mais atrativos porque dialogam diretamente com os interesses dos alunos, portanto, *“a escola deve estimular o uso das tecnologias no ambiente escolar, conscientizar os alunos a usá-las no momento e de maneira correta”* (Entrevistado 09).

Quando questionados se são feitas abordagens do tema tecnologia, a maioria dos respondentes deu respostas afirmativas. *“O tema tecnologia aparece dentro de vários*

*conteúdos e as discussões utilizam diversos mecanismos”* (Entrevistado 01). Segundo outro professor, *“a escola orienta os alunos tanto do ponto de vista teórico, quanto do ponto de vista do aluno de suas experiências”* (Entrevistado 06).

As abordagens feitas por esses professores divergiam quanto ao modo. Alguns afirmaram que a abordagem é mais tecnicista, porque *“as abordagens existem à medida que são utilizados nos projetos. Os aspectos são mais técnicos: os recursos são explorados de acordo com as respectivas fontes (áudios, imagens, filmes etc.)”* (Entrevistado 07), ou seja, alguns usam os recursos apenas como fonte de consulta *“uso site/ pesquisa no laboratório/ recurso áudio visual”* (Entrevistado 08), ou de modo muito inexpressivo: *“Poucas abordagens, apenas quando são orientados a pesquisas ou trabalhos escolares”* (Entrevistado 04).

Por outro lado, alguns educadores utilizaram as experiências e percepções dos alunos como pautas para discutir a tecnologia.

*Durante as aulas, é estudado tanto a sua necessidade quanto a sua possibilidade. Por um lado, necessidades, porque facilita, acelera, aumenta nossa atuação no mundo. Por outro lado, como possibilidade, porque nem todos têm condições de acesso a estas ferramentas, ou, o que é mais problemático, pode ser utilizada com fins estrategicamente nocivos.* (Entrevistado 11).

Além disso, foi mencionada também a possibilidade de usar o tema como uma forma de análise de contexto histórico, o que pode ser constatado pelas palavras: *“Particularmente é trabalhada a questão tecnológica em minha área no sentido de evolução histórica e consequências humanas/ espaciais”* (Entrevistado 05).

Apesar de a maioria dos professores afirmar que utiliza recursos tecnológicos em sala de aula e trabalha com os meios de comunicação como material de apoio pedagógico, quando questionados a respeito do conceito de educomunicação, muitos não conheciam e fizeram uma analogia com a estrutura etimológica da palavra. *“Comunicação na educação, uso das mídias na educação”* (Entrevistado 02), ou seja, essa interpretação do conceito de educomunicação não condiz com o conceito proposto por Soares (2000), que supera a ideia de que tal conceito traduza a mera junção de Educação e Comunicação. O conceito de fato não apenas une as áreas, mas destaca de modo significativo um terceiro termo, a ação.

Alguns dos professores entrevistados a entendem como a utilização dos meios em sala de aula: *“Acredito que é a comunicação a serviço da educação”* (Entrevistado 12), ou ainda, entendem que o uso de uma ferramenta já pode ser considerado uma prática educacional. *“Uso youtube para aula”* (Entrevistado 08), *“creio que sejam plataformas ou mecanismos que usam dos meios de comunicação para promover o acesso à educação”* (Respondente 06).

Esse modo generalizado de interpretar o termo pode estar diretamente relacionado ao fato de que alguns admitiram ter entrado em contato com o termo pela primeira vez na entrevista. *“A primeira vez foi hoje”* (Entrevistado 06). Esse foi o questionamento feito na questão oito. Apesar do desconhecimento do termo por parte dos entrevistados, outros já conheciam, porque estudaram durante sua formação acadêmica. *“Na própria escola, quando aluno, mas sem a utilização desse termo”* (Entrevistado 01). *“A partir da pós-graduação”* (Entrevistado 03), ou *“no mestrado”* (Entrevistado 07).

Há outros que conheceram o termo de maneira espontânea. *“Não me lembro exatamente, mas já me deparei com tal termo quando fiz leituras de obras vanguardistas da área da educação”* (Entrevistado 10). *“Há 4 anos, quando estudei novos conceitos (feedback positivo e negativo, autorregulação, cibernética) e técnicas advindas da análise sistêmica (teoria dos sistemas)”* (Entrevistado 11). No entanto, outros apenas conheciam, mas não se aprofundaram no tema. *“Há pouco tempo. Já ouvi o termo, mas confesso que não tenho muitas informações sobre”* (Entrevistado 04).

Já a nona questão complementava o conhecimento do tema, portanto questionou-se se o respondente já assistiu a palestras, debates ou fez leituras do assunto. Dos doze professores, oito tiveram uma resposta negativa. *“Não. Nunca participei de palestras ou debates em que foram abordados, digo foi abordado o tema em questão”* (Entrevistado 10). *“Não, nunca tive oportunidade”* (Entrevistado 06). Dos entrevistados que responderam positivamente a questão, apenas um disse que entrou em contato com o termo por meio da oportunidade oferecida pela instituição *“Sim, nos cursos de formação dos professores da rede municipal”* (Entrevistado 03)

Com essas duas questões, fica evidente que o conceito e a prática educomunicativas não estão presentes nas práticas dos professores entrevistados. Assim, ações são necessárias para tal prática se torne inclusiva e dinâmica, ou seja, ainda é necessário apresentá-la aos profissionais de forma mais contundente durante a sua formação. O desconhecimento, por parte de alguns professores, também pode ser atribuído ao fato de que no Ensino Superior esse conceito não foi abordado. Na questão de número dez, na qual foi feito esse questionamento, todos os professores afirmaram que não houve abordagem do tema. *“Não fazia parte do currículo na minha graduação”* (Entrevistado 07).

É importante lembrar que a maioria dos entrevistados já é formada há mais de dez anos, e este conceito ganhou força alguns anos depois da explosão comercial da internet em 1996, o que permite inferir que alguns professores não estudaram, uma vez que ainda era um conceito relativamente novo. *“Não na época em que me formei 1990 não havia a abordagem de tal tema”* (Entrevistado 10).

Outro ponto importante a ser discutido é que, em uma das entrevistas, o respondente declara que: “*A tecnologia não é abordada nas licenciaturas*” (Entrevistado 03), ou seja, é possível, a partir desta fala, que algumas licenciaturas podem ter um distanciamento com as práticas metodológicas contemporâneas. Como contraponto, ressalta-se que foi critério de seleção dos entrevistados a atuação profissional de no mínimo dez anos. Pondera-se a possibilidade de os currículos e projetos pedagógicos das licenciaturas terem passado por atualizações, considerando o dinamismo do conhecimento e as atualizações curriculares dos cursos. A fala do entrevistado também pode ser considerada limitada, ao entender que educomunicação é apenas o uso de aparelhos em sala de aula, o que compromete até a possibilidade de o professor aplicar este conceito.

Conseqüentemente, quando questionados se as práticas educacionais estão previstas no plano pedagógico e, em caso afirmativo, quais conteúdos são abordados e como eles são distribuídos na grade curricular, a maioria das respostas foi negativa, uma vez que não conhecem o conceito, a prática também é inexistente ou, quando há, os professores não veem como uma metodologia de ensino pedagógica, mas apenas como um recurso disponibilizado pela escola, e mesmo assim, é uma ideia limitada com relação à educomunicação, como já mencionamos nas questões anteriores.

*Intrinsicamente estão previstas no projeto político pedagógico. É indicado ao professor fazer uso da lousa digital e apresentar variadas mídias durante as aulas. Durante o ano letivo, teorias, conceitos, fórmulas são expostos e trabalhados através da lousa digital, que possibilita ilustrar com gráficos, tabelas, gifs, imagens e vídeos, e assim, interagir simultaneamente com os alunos* (Entrevistado 11).

Alguns professores responderam que trabalham com a prática educacional. No entanto, não desenvolvem projetos que contemplem tais práticas. Há experiências apoiadas em alguns dos pilares da educomunicação, como pode se constatar na seguinte afirmação: “*Sim. A partir do comentário de cenas de filmes onde é possível conscientizar os alunos sobre o contexto da época e das relações sociais existentes*” (Entrevistado 07).

É possível também perceber por meio das respostas dos entrevistados que há uma liberdade dos professores para trabalhar com o tema, caso assim desejem. “*Cada professor tem liberdade de construir seu currículo. Uso sempre as mídias como ferramenta de trabalho*” (Entrevistado 02). “*Sim, mediante o plano de pedagógico de cada professor*” (Entrevistado 03). As instituições, às vezes, também orientam o professor, mas não colocam a prática educacional como um mecanismo de ensino que deve ser usado em definitivo no plano escolar: “*O que há é a orientação para trazermos tais práticas para sala de aula, mas não há um documento escolar que coloque esse tema no processo educativo*” (Entrevistado 12). Como

o conceito não está, em geral, no plano pedagógico dos professores, para os alunos ele é pouco trabalhado, ou nem há por parte deles a noção que tal conceito exista.

Essa observação é oriunda das repostas da questão doze. Nela, questionou-se se existe uma disciplina que trabalha este conceito de modo específico, ou se há uma distribuição interdisciplinar. Todos afirmaram que não há uma disciplina específica, apenas alguns disseram que trabalham com a educomunicação na sua respectiva disciplina. *“Interdisciplinar geografia /história/ português”* (Entrevistado 08).

Outros, porém, ainda reforçaram a ideia de que trabalhavam com a educomunicação, nas disciplinas que lecionavam pelo fato de usar recursos tecnológicos. *“Tecnologia é trabalhada de forma interdisciplinar no intuito de mobilizar o aluno de acordo com sua realidade/experiências pessoais e sociais”* (Entrevistado 05). *“O ideal é usar a multimodalidade para transmitir as informações”* (Entrevistado 03).

Considerando que ainda há um desconhecimento por parte dos professores a respeito do tema, os entrevistados foram questionados em quais pontos consideravam fundamentais para que as práticas educacionais cheguem até as salas de aula. Quase a totalidade dos respondentes disse que a inclusão dessas práticas nas salas de aula depende de um esforço coletivo, boa vontade e capacitação. Além disso, formação continuada, segundo outros professores, é um caminho que deve ser adotado. *“Formação de professores e formação continuada”* (Entrevistado 12). *“Muitas vezes os docentes estão abertos às práticas inovadoras, mas não sabem como fazê-lo. Assim, é necessária que seja pensada a questão da formação continuada”* (Entrevistado 10). É muito importante que haja engajamento, não só por partes dos professores, mas também das instituições que devem oferecer condições necessárias para que a prática se torne presente nas salas de aula, por meio de políticas educacionais e investimentos em equipamentos e, principalmente, na formação dos professores. *“É importante a apresentação das ferramentas, exemplos de uso, fornecimento dos equipamentos e manutenção”* (Entrevistado 11). *“Formação adequada para os professores e material pedagógico adequado”* (Entrevistado 01).

Já na penúltima pergunta, questionados se o professor acredita que há informação suficiente, de modo que seja possível propor atividades, cerca de metade dos entrevistados respondeu que não há um número de informações suficientes. *“Não há informação nem divulgação das práticas”* (Entrevistado 07). Da outra metade dos entrevistados, apenas um não soube responder e dos que consideraram que há informações suficientes, apenas um afirmou que utiliza as práticas em suas aulas. *“Sim. Me utilizo dessas práticas educacionais em minhas aulas”* (Entrevistado 11).

Porém, é importante considerar que houve uma disparidade das respostas se comparadas de modo geral às respostas anteriores, quando questionados se conheciam o termo. Alguns disseram não conhecer, com isso pode-se inferir algumas proposições: os professores conhecem, mas não possuem tempo ou interesse pelo assunto. A questão foi interpretada erroneamente, porque quando questionados, se há informação suficiente, os docentes interpretaram informações de modo geral e não informações relativas à educomunicação.

Na última questão, os professores responderam se já haviam elaborado algum projeto educacional envolvendo os alunos e a divulgação para a comunidade, em geral, porém apenas três respondentes organizaram um projeto nesta área. *“Já montei uma sala ambiente multimídia e os alunos aproveitaram os recursos multimodais para a aprendizagem”* (Entrevistado 03). *“Fizemos o projeto sobre consciência negra, exposto na escola. No estado, pegada ecológica sobre o destino do consumo e lixo.”* (Entrevistado 02).

*Orientei um projeto em que os alunos criaram um aplicativo para denunciar situações de assédio sexual e violência sexual. Além da denúncia imediata às autoridades competentes, o aplicativo acionava alguém de confiança da pessoa envolvida. Os alunos ganharam um prêmio pela criação e, essa ação incentivam outros alunos a utilizar a comunicação melhor.* (Entrevistado 12).

O alto número de entrevistados que afirmou na última questão o desconhecimento de práticas educacionais, demonstra que se comparado às respostas fornecidas nas questões anteriores, não houve incoerência dos resultados. É importante ressaltar que o conceito de educomunicação surgiu no ambiente da área de Comunicação, em uma perspectiva interdisciplinar. Este fato pode explicar a possível razão pela qual os educadores não tenham familiaridade com o conceito e, logo, com a prática.

Além disso, os resultados demonstram que a educomunicação, como linha de pesquisa, tem muito a ser explorado para que haja um enriquecimento teórico e a assimilação dos profissionais para que a aplicação das práticas decorrentes tornem-se cada vez mais presentes nos ambientes escolares.

### **Considerações finais**

O objetivo geral da pesquisa foi identificar as práticas pedagógicas de educomunicação, que professores do Ensino Fundamental II, atuantes no município de Taubaté, utilizam em suas práticas. A partir da pesquisa realizada foi possível constatar que os professores entrevistados não estão familiarizados com o conceito de educomunicação e não utilizam práticas educacionais em sala de aula. Uma parcela da amostra nunca havia ouvido falar do

conceito e, os que conheciam, definiram educomunicação baseando-se na etimologia da palavra, ou seja, a partir da junção das palavras Educação e Comunicação.

Além disso, atribuíram às práticas apenas ao uso de aparelhos tecnológicos como suportes para as aulas, ideia que é simplista e equivocada, porque tal prática está além do simples uso de um aparelho tecnológico, envolvendo a construção do conhecimento crítico do indivíduo com relação aos produtos midiáticos, além de empoderar o jovem a ser um ator social que promove mudanças em sua comunidade por meio da apropriação dos meios de comunicação.

A pesquisa revelou que não há conteúdos exclusivamente educacionais trabalhados em sala de aula, recurso que poderia ampliar as possibilidades de difusão do conceito e práticas de educomunicação. Este conceito, quando familiar, fica restrito aos conhecimentos dos professores, com pouca aplicação nas salas de aula.

Aqueles que, de certo modo, trabalham com uma das bases da educomunicação, o fazem sem muita clareza de que estejam aplicando o conceito. Destaca-se o projeto desenvolvido por um dos entrevistados: a elaboração de um aplicativo para denunciar violência e assédio sexual. Por mais que este trabalho possa ser um exemplo de projeto de educomunicação, não há, por parte do professor, essa consciência, o que revela que ele não utilizou dos conceitos teóricos da educomunicação para elaborar e desenvolver o projeto com os alunos.

Por outro lado, os professores possuem a iniciativa de discutir a influência dos aparelhos eletrônicos e da mídia na vida dos alunos, por meio de aulas mais discursivas do que práticas. Os professores permitem que o aluno relate suas experiências com a tecnologia para os demais colegas e, a partir daí, o professor contribui de modo que o estudante perceba essas interferências e desenvolva um senso crítico em relação a conteúdos diversos, que estão amplamente disponíveis e acessíveis na sociedade da informação

Outro ponto importante revelado pela pesquisa é que os professores também permitem o uso dos celulares nas salas de aula, para atividades com fins acadêmicos, o que pode ser um recurso eficaz, porque aproxima o professor da realidade do aluno, além de mostrar para o estudante novas maneiras de utilizar o aparelho celular com objetivos bem definidos.

Com a pesquisa foi possível, portanto, formular algumas considerações, tais como: o papel da educação foi bem definido pelos entrevistados, demonstrando interesse pela função que exercem; as metodologias de ensino ainda continuam baseadas em modelos didáticos tradicionais; é necessário que a escola aborde os conceitos de cidadania, mas por meio de metodologias inovadoras que ampliem o espaço de interação entre o jovem e a comunidade na qual ele vive; as áreas da Comunicação e da Educação possuem intersecções que podem ser

exploradas de forma mais intensa; os meios de comunicação são discutidos em sala de aula, mas com metodologias menos teóricas e baseadas em conhecimentos mais empíricos; a influência das tecnologias no cotidiano é discutida nas aulas a partir de experiências empíricas dos alunos e a educomunicação é um tema desconhecido por grande parte dos profissionais da área de educação, ou seja, é um tema presente em discussões de núcleos específicos, como do curso de Licenciatura em Educomunicação.

Entre as descobertas da pesquisa citadas acima, a identificação de que não há um aproveitamento de ambas as áreas (Comunicação e Educação) para o desenvolvimento de metodologias que podem ser interdisciplinares, demonstra uma lacuna não só no processo de aprendizagem, mas também no modo pelo qual os meios de comunicação são abordados pelos professores. Na maioria das aulas que abordam os temas da comunicação, como veículos e mídias sociais, não há uma metodologia construída a partir de uma base teórica da comunicação, ou seja, os educadores preparam as aulas baseados nos conteúdos ofertados pela instituição (muitas vezes em material já disponível na apostila), limitando o aprofundamento do assunto.

Além disso, quando os meios de comunicação são utilizados pelos professores como um dos recursos, há uma consulta a fontes de mídia de massa, o que não estimula o pensamento do aluno, ao contrário reforça conceitos ligados ao senso comum e à valorização de determinada cultura, principalmente a do consumo. Portanto, infere-se que o aluno não consegue entender que as abordagens relativas aos meios de comunicação e suas formas de interferência não são baseados em conhecimentos empíricos, mas científicos, ou seja, há teorias e metodologias desenvolvidas para instruir o indivíduo a olhar para essas ferramentas como um objeto de análise.

Já a área da Comunicação, às vezes, não utiliza recursos pedagógicos para adequar os modelos de ensino de acordo com o aluno. Pelo fato de não haver licenciatura de Comunicação, é comum o fato de haver professores que não passaram por uma formação pedagógica como preparação para a docência. Com isso, os comunicadores, ao desenvolverem modelos já estabelecidos, podem não levar em consideração a cultura e a capacidade de assimilação de cada aluno.

Essa falta de afinidade entre as áreas faz com que o conceito de educomunicação seja desconhecido, principalmente para os educadores. Com isso, as práticas decorrentes não são difundidas nas escolas. Como consequência do desconhecimento desse conceito, em uma escola, vários assuntos que poderiam ser abordados de modo diferente, ficam restritos a métodos de aprendizagem tradicionais.

Ressalta-se que a aplicação das práticas de educomunicação devem ser adaptadas às realidades distintas das salas de aula, considerando o perfil do aluno, o projeto pedagógico, os recursos da escola e o contexto regional. Para ilustrar uma possibilidade e destacar a amplitude do escopo de assuntos que podem ser relacionados a tais práticas, apresenta-se o seguinte exemplo fictício: um professor que conhece o conceito de educomunicação, propõe uma atividade com o tema Alimentação saudável, e pede para que os alunos, durante um período estabelecido, analisem quais propagandas a respeito da alimentação são divulgadas e se são alimentos saudáveis. É solicitado aos alunos que elaborem um pequeno documentário dizendo qual a influência da televisão na alimentação dos brasileiros. A atividade propõe a interação, o pensamento crítico e, principalmente, a ação do jovem em repensar sua alimentação, o que demonstra que um projeto baseado nos conceitos de educomunicação não precisa necessariamente estar ligado a matérias específicas que tratam do assunto (veículos, meios de comunicação, mídias sociais).

A educomunicação pode ser um caminho desenvolvido para que o professor possa abordar um tema que aparentemente está restrito às apostilas ou livros didáticos, portanto, utilizá-la para projetos não compromete a veracidade das informações, mas propõe novos modelos de aprendizagem e que favorecem a construção de pontes entre a realidade vivenciada pelos alunos, imersa na comunicação digital, e o ambiente de produção de conhecimento da escola.

A pesquisa não avaliou as instituições onde os entrevistados lecionam, com isso não foi possível identificar de modo específico se as escolas, particulares ou públicas, abordam o conceito de educomunicação, ou se a prática é incentivada pelos gestores da escola em projetos pedagógicos e até mesmo no dia a dia da instituição. É importante ressaltar que se o professor não encontrar apoio e recursos disponíveis das escolas para a implementação de projetos, ou novas metodologias, fica mais difícil que os resultados sejam significativos e tragam contribuições positivas aos alunos.

A educomunicação rompe com os sistemas hierárquicos utilizados nas escolas ainda hoje, e propõe uma ação mais orgânica de todos os envolvidos, colocando a escola em sintonia com a comunidade e com isso a escola se torna um espaço de mobilização baseado nos conceitos e nas práticas educacionais.

Uma lacuna da pesquisa é que os resultados servem como uma base de análise para a prática educacional em um determinado espaço geográfico, ou seja, é ideal que a pesquisa seja aplicada em outros locais do país para comprovar ou destoar dos resultados dessa pesquisa.

Portanto, a pesquisa é importante principalmente para o município de Taubaté, já que é uma análise do ensino midiático nas escolas, porém, qualquer generalização dos resultados não é válida, uma vez que o país possui regiões muito diversificadas, tanto em termos econômicos como sociais, fazendo com que a reprodução do estudo seja necessária em outros ambientes. Por outro lado, a pesquisa contribui para a expansão do conceito de educomunicação, principalmente na região, uma vez que é pouco difundido e aplicado nas salas de aula.

É importante ressaltar que esta pesquisa é uma das possibilidades de trabalhar e difundir a educomunicação. Outras leituras e metodologias a respeito do tema devem ser elaboradas para formar uma base teórica e prática ampla no campo científico. Inúmeras pesquisas podem ser feitas nesse âmbito, como a avaliação dos efeitos de assimilação dos alunos que foram submetidos à metodologia própria, ou o diagnóstico de empresas que trabalham com este conceito e os seus efeitos, quando implantada nas corporações. Outra sugestão de pesquisa é aplicar esta mesma metodologia com professores de outros níveis de ensino, como o nível médio ou superior. Além disso, é também possível diagnosticar por meio de pesquisa, como pais e alunos entendem a influência dos meios de comunicação na sociedade.

Com isso, é notório que o tema abordado pode ser amplamente trabalhado de diversas formas e em diferentes espaços. Acima de tudo, faz-se necessário difundir o conceito por meio da ciência e da prática, propondo, com isso, novas formas de conhecimento e aproximando os indivíduos de sua realidade por meio da construção do pensamento crítico e da percepção com a apropriação da educomunicação.

## Referências

- ANTUNES, Ana. **Sociedade da informação**. Coimbra: Universidade de Coimbra. 2008.
- BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: Instrumento de emancipação social? – Uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/debates/article/view/26722>> Acesso em: 29 out. 2017.
- BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FONTENELLA, Bruno José Barcellos. RICAS, Janete. TURATO, Egberto Ribeiro. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- GIRARDELLO, Gilka. Mídia-educação, novos letramentos e produção narrativa infantil: um percurso de pesquisa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2900-1.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2017.

IBGE. **Pesquisa de informações básica municipais**. 2015. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/educacao/10586-pesquisa-de-informacoes-basicas-municipais.html>>. Acesso em: 29 out. 2017.

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

SANTOS, Wilson Pereira dos; MORTIMER, Eduardo Fleury. Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem C-T-S (Ciência - Tecnologia - Sociedade) no contexto da educação brasileira. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 2, n. 2, p. 1-23, 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1295/129518326002/>>. Acesso em: 21 out. 2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 19, p. 12-24, set./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

TOURAINÉ, Alan. **Sociedade pós-industrial**. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014.

Monica Franchi Carniello - Universidade de Taubaté | Taubaté – SP, Brasil | E-mail: [monicafcarniello@gmail.com](mailto:monicafcarniello@gmail.com)

Hugo Análio da Mota - Universidade de Taubaté | Taubaté – SP, Brasil | E-mail: [monicafcarniello@gmail.com](mailto:monicafcarniello@gmail.com)

Recebido em: out. 2017.  
Aprovado em: nov. 2017.